

Entrevista da Revista Portuguesa de Buiatria ao Dr. Fernando Vaz

Seria difícil encontrar um Colega com mais interesse para a estreia desta nova secção da Revista Portuguesa de Buiatria. O Dr Fernando Vaz, sócio fundador da SVAExpLeite, Lda, é sem dúvida um dos mais prestigiados Buiatras de Portugal, com uma carreira de sucesso, inovadora e inspiradora. Aqui irá partilhar connosco uma parte do seu percurso pessoal e profissional, bem como as suas ideias sobre a Profissão e a Buiatria em Portugal. Da nossa parte, e sem fugir a temas mais polémicos, esta entrevista foi realizada com um enorme prazer e temos a certeza que será igualmente do vosso agrado.

Miguel Quaresma

RPB: Quando começou a sua atividade profissional na Medicina Veterinária?

FV: Terminei a licenciatura em Medicina Veterinária em Dezembro de 1983 na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique, e fui colocado pelo Ministério da Agricultura na Empresa Estatal de Leite e Lacticínios de Maputo em Fevereiro de 1984. Esta empresa foi formada para gerir uma série de explorações leiteiras, na altura 6, deixadas pelos seus proprietários no período

pós 25 de Abril e pós-independência de Moçambique. Na altura, o efetivo total era composto por 2.000 vacas adultas, com uma área próxima dos 15.000 hectares e uma fábrica de lacticínios.

RPB: O que o levou a escolher esta carreira?

FV: Não foi uma escolha... foi uma escapatória!! A juventude moçambicana viu-se envolvida num redemoinho, provocado pela revolução moçambicana e pelo êxodo massivo do país de quadros técnicos, de todas as áreas. A totalidade dos alunos do país, dos 10º e 11º anos – nesse tempo, ainda não havia o 12º – foram deslocados, em 1977, para um internato e orientados para áreas de formação prioritárias. A mim calhou-me o Curso de Formação de Professores de Biologia, também na Universidade Eduardo Mondlane. Em 1978, com 18 anos, fui dar aulas para a Beira e província de Sofala, região recentemente afetada pela tragédia do ciclone Idai. Ao fim de 2 anos consegui, expondo os meus anseios, sair da Educação para seguir Medicina. Infelizmente, nesse ano – 1980 – o 1º ano de Medicina, não abriu. Resolvi ir para Medicina Veterinária... sou, portanto, um veterinário de recurso!!

RPB: Considerando a sua carreira e o seu sucesso, diria que aprendeu a gostar da Medicina Veterinária?

FV: O que mais apreciei na minha vida profissional, foi ter conhecido pessoas com um sentido positivo da vida; pessoas extraordinárias, nos vários quadrantes do setor leiteiro, que, face a difi-



culdades, sempre conseguiram acrescentar valor, humor e amor em seu redor.

O sucesso é um conceito muito relativo... diria que a minha melhor realização foi ter conseguido criar uma empresa sólida – apesar das grandes dificuldades do setor leiteiro –, realista e com profissionais sérios e competentes, com quem é um orgulho trabalhar todos os dias.

Mas também há insucessos... o principal é o facto de apesar de trabalharmos competentemente para explorações/empresas de grande qualidade – num setor que já representou 2% do PIB – empresas essas que são a base duma extensa cadeia de valor, com produtividades e bem-estar animal invejáveis, parâmetros reprodutivos e de qualidade de leite ao mais alto nível, nutrição com a relação preço/qualidade das melhores do mercado, com uso mínimo de antibióticos e nas quais trabalham avós, filhos e netos, os ganhos para aquelas serem tão baixos; baixos a ponto de condicionarem, em absoluto, o investimento, fator determinante para se manterem competitivas a médio, longo prazo.

Temos a noção exata desta realidade, substanciada pelos dados de quase 12 anos da Gestão Técnica e Económica, uma das nossas áreas de prestação.

RPB: O que acha que mudou para os Médicos Veterinários que se dedicam à Buiatria desde que começou a trabalhar?

FV: Tive a sorte de começar numa empresa com 2 000 animais adultos. Já havia uma perspectiva de escala, divisão do trabalho em clínica e sanidade, reprodução e nutrição. Iniciámos a informatização reprodutiva, de produção e de qualidade do leite, na altura em linguagem *Basic!!*

De uma forma simplista, atualmente, passámos do indivíduo para o grupo; da clínica do indivíduo para a medicina da produção; de explorações de 20 animais para explorações de 100 000; de computadores que ocupavam uma casa para computadores que cabem na mão; para dispositivos eletrónicos que debitam dados biométricos em larga escala.

Passámos do indivíduo para a necessidade de registo, processamento e análise crítica de dados... “Big Data”, para definição de estratégias de resolução dos problemas e sua implementação. Na sua essência a Medicina Veterinária continua igual. No entanto, o Buiatra atual, para além do “termómetro e do estetoscópio” necessita de outras competências e ferramentas.

Outra grande questão tem a ver com a visibilidade que o setor primário passou a ter, fruto do desenvolvimento exponencial dos “media”, das tecnologias da comunicação e informação e do

aumento da população mundial. A responsabilidade é acrescida...

RPB: Na sua opinião, as Universidades adaptaram-se a essa mudança de paradigma? Ensinam aos estudantes competências suficientes nessas novas áreas?

FV: As Universidades são instituições de grande dimensão, com sérios problemas de financiamento, com muitas Faculdades para além das de Veterinária, dependendo de outro Ministério, com muitos interesses coletivos e individuais, para além da aproximação às empresas.

Têm sido dados passos nesse sentido e todos os envolvidos nessa realidade sabem que há ainda um longo caminho a percorrer...

RPB: Para onde acha que avança a Buiatria Nacional? Que perspetivas vê no futuro desta área?

FV: Temos um país pequeno, mas com excelentes condições para a produção animal e com um clima invejável.

A carga fiscal sobre as empresas é exagerada e a energia elétrica e os combustíveis são dos mais caros da Europa. As margens de lucro ficam maioritariamente nos intermediários o que no caso do leite é escandaloso. Nos últimos 20 anos o produtor de leite português recebeu menos 3,5 cêntimos por litro do que a média europeia. Para



uma exploração que entregue 1.000.000 litros/ano, isto significa que recebeu, nestes 20 anos, menos 700 000 euros do que a média das explorações com a mesma capacidade produtiva.

No entanto, o setor primário é fundamental para qualquer país. Produzimos produtos de origem animal de excelente qualidade e temos um sector muito trabalhador e empreendedor.

Estou há quase 40 anos no setor leiteiro, mas há excelentes exemplos noutras áreas:

- As associações das raças autóctones;
- O crescimento sustentável da produção de carne em regime extensivo;
- O grande aumento da exportação de carne;
- A grande variedade e qualidade de produtos transformados que existem, nomeadamente queijos, e, novos projetos com enorme potencial nesta área.

No “meu” setor assiste-se, tanto a nível global, como nacional, a uma estabilização dos efetivos totais, com concentração dos mesmos em menos explorações. Continua a tendência de melhoria da produtividade e bem-estar animal, profissionalização e uso cada vez maior de tecnologia. Há uma grande preocupação com o meio ambiente.

O Buiatra continuará a trabalhar entre a medicina individual e a de grupo, com mais peso na análise de dados. Será um gestor da informação entre as diferentes áreas de atuação nas explorações – veterinária, zootécnica, nutrição, gestão económica, etc. – e os diferentes técnicos, colaboradores, gestores/proprietários dentro dessas mesmas explorações. A biossegurança e o uso criterioso de antibióticos estarão cada vez mais presentes.

RPB: Será necessária talvez mais formação contínua para estas adaptações. Acha que existe oferta suficiente de formação nessas novas competências? E é procurada?

FV: O Mundo está globalizado, tudo está ao alcance da mão. O contacto entre as pessoas é muito fácil. Quando se trabalha em grupo, tirar partido desta realidade torna-se relativamente simples, se houver vontade de evoluir. Os exemplos que temos dentro dos SVA são uma demonstração dessa realidade.

Quando se trabalha individualmente, tudo se torna mais difícil e muitas vezes terão de ser os prestadores da formação contínua a ter de ir ao encontro dos buiatras.

Duma forma geral acho que tem havido oferta e procura dessa formação, e este é um processo contínuo.

As instituições – Ministério da Agricultura, DGAV, OMV, APB, Universidades, empresas farmacêuticas e particulares de formação profissional – devem adaptar as suas formações consoante a realidade e as necessidades de política sanitária e de mercado.

RPB: Pode partilhar connosco a história da SVA? Como começou, como se desenvolveu? Projetos para o futuro?

FV: Regressei a Portugal em 1990, depois de 7 anos de trabalho e de uma pós-graduação de 1 ano em Reprodução na Suécia. Após os exames de equivalência na Faculdade de Medicina Veterinária de Lisboa, consegui colocação na Cooperativa Agrícola de Paredes de Coura.

Em 1991 decidi começar a trabalhar como independente, fazendo Clínica de Espécies Pecuárias no Alto Minho e Reprodução Entre-Douro e Minho e região de Aveiro. Trocando opiniões com outros colegas, achámos que havia espaço para uma prestação de Serviços Veterinários independentes, para o setor leiteiro, integrados numa economia de mercado e de concorrência.

No dia 1 de Julho de 1995 nasciam os Serviços Veterinários Associados, com Urgências 24h/dia (Clínica e Cirurgia) e Reprodução. Éramos uma simples associação de 3-4 veterinários, muito competitiva, mas sem nenhum tipo de vínculo contratual.

Dois anos depois fomos contactados pelo ICBAS/UP para darmos apoio nas aulas práticas de Medicina e Clínica das Espécies Pecuárias. Posteriormente passámos também a dar apoio às aulas práticas de Teriogenologia.

Sempre estivemos ao lado da produção, e a criação de novas áreas de atuação nas explorações foi natural. Fomos escolhendo colaboradores com base no mérito, valores morais e espírito de equipa.

Poucos anos depois oficializávamo-nos finalmente como empresa, a SVA Expleite, Lda.

Em relação ao futuro, pretendemos continuar a apoiar as explorações leiteiras na sua otimização económica, dentro das tendências globais de concentração da produção, aumento da produtividade, integrando gradualmente as novas tecnologias, respeitando cada vez mais o bem-estar animal e o meio ambiente, recorrendo cada vez menos ao uso de antibióticos, e apostando cada vez mais na prevenção.

Pretendemos reforçar também o vínculo à Universidade do Porto, tentando ter um papel ativo na investigação aplicada.

Consultadoria e formação profissional são já uma realidade nossa.



RPB: Que vantagens vê no desenvolvimento do trabalho integrado num grupo como a SVA, comparativamente com o clássico Médico Veterinário Buiatra, a trabalhar isolado?

FV: Não sou absolutista. É perfeitamente possível a um Médico Veterinário bem preparado, cobrir todas as áreas técnicas de atuação atuais, se trabalhar para uma, ou para um pequeno número de empresas pecuárias. No entanto, numa base produtiva sólida, em escala e pujante, a estratégia mais eficiente, é o trabalho em equipa e a divisão do trabalho por especialidades. O nível de qualidade, por especialidade, pode ser mais profundo, a diversidade de competências pode ser mais alargada, aumentando a rentabilidade das explorações e, por outro lado, pode haver um pouco mais de tempo para a vida particular de cada elemento do grupo.

Os SVA têm 2 áreas de atuação transversais – Urgências (Clínica e Cirurgia) e Reprodução – havendo especialistas para as outras áreas onde atuamos, como, Qualidade do Leite, Gestão Técnica e Económica, Nutrição, Neonatologia e Área Comercial.

A nível global existem Buiatras que trabalham em grupos, como o nosso, existem buiatras generalistas que trabalham individualmente e existem especialistas que também trabalham a sós.

RPB: Pois, a questão do tempo para vida pessoal é um problema que parece afetar os Médicos Veterinários em todas as áreas, e na verdade é um problema não exclusivo da nossa profissão. Os estudos nacionais indicam que ainda há muito a fazer nessa área comparativamente com outros países desenvolvidos. O que acha que se poderia fazer?

FV: As empresas, em geral, estão sujeitas às leis laborais em vigor nos países e há mecanismos de controlo e fiscalização e também de penalização de infrações.

O grande desafio, o cerne da questão para as empresas em geral, está em conjugar a carteira de clientes, mantendo-a, e, idealmente, alargando-a, vendendo produtos de excelência ou serviços, como é o nosso caso, num mercado aberto, incorporando colaboradores que tragam sempre mais valias, cumprindo as leis laborais e as obrigações fiscais.

O problema é sério quando se começa individualmente. Antes da formação duma empresa, há muito trabalho individual, que não “cabe” em nenhum normativo de proteção laboral e, infelizmente, em muitos casos, as empresas nem chegam a existir...

No caso da SVA Expleite, Lda, trabalhamos com certeza bem mais do que está estabelecido na legislação, de forma a satisfazermos as exigências dos nossos clientes e cumprirmos as obrigações fiscais, que não são poucas. No meu caso, talvez pela idade seja o que trabalha menos..., mas os dividendos são proporcionais!

Um dado interessante, também resultante do trabalho da SVA Expleite, Lda na área de Gestão Técnica e Económica:

- Um trabalhador por conta de outrem trabalha 1700 a 1800 horas/ano
- Um proprietário duma exploração de leite trabalha 4000 horas/ano

RPB: Que conselhos deixaria aos colegas que se iniciam agora na Buiatria?

FV: Nas sociedades modernas atuais a competitividade é enorme em quase todas as áreas

profissionais. A Buiatria não é exceção. Quanto mais precoce for o foco, melhor; já na faculdade, com a escolha de atividades entre semestres e posteriormente com a escolha do(s) local(ais) onde estagiar. É nestas fases que muitas vezes surgem os melhores contactos e oportunidades de trabalho.

Há demasiadas faculdades de Medicina Veterinária para um país da dimensão do nosso... um tema demasiadamente longo e sensível.

Felizmente a Buiatria é uma especialidade transversal a muitas áreas da atuação: Saúde Pública e Legislação (OIE, DGAV...), Ensino e Investigação, Indústria Farmacêutica, Higiene e Segurança Alimentar, Transformação – Tecnologia Alimentar e finalmente os diversos setores da Produção – bovinos e pequenos ruminantes, carne e leite.

É com orgulho que vejo atualmente, muitos dos estagiários que passaram pelos SVA a exercerem as suas atividades profissionais, em todas as áreas acima descritas e nos vários cantos do mundo. Também há quem esteja a trabalhar fora da sua área profissional, ou infelizmente, até no desemprego.

Como Médico Veterinário de Produção, deixaria apenas mais estes conselhos:

- Pensar a produção no seu todo, trabalhando em prole de uma produção sustentável economicamente – do ponto de vista do produtor – e ambientalmente – do ponto de vista da sociedade e do consumidor – respeitando o bem-estar animal.
- Procurar permanentemente formação especializada, com critério, com cursos e especializações em realidades diferentes da nacional, com foco na gestão e prevenção, aproveitando a oportunidade extraordinária que é a experiência da União Europeia. Procurar evoluir constantemente – é muito fácil ficar tolhido na espuma dos dias.
- Ética de trabalho.
- A produção primária é um negócio de futuro. Se estivermos bem preparados, formos bons profissionais, com competências de comunicação e implementação, teremos sempre colocação em qualquer lado do mundo. Há uma grande procura de buiatras em muitos países de economias sustentáveis.
- Por último, prepararem-se para o esforço que é construir uma carreira exigente, como a de um veterinário de animais de produção, nunca esquecendo o lado pessoal e familiar, deixando algum tempo para os próprios e para os mais próximos.

RPB: Falou da Ética de Trabalho, algo que me parece fundamental. Pode desenvolver mais um pouco as suas ideias nessa área?

FV: A educação, a moral e a ética, o saber estar em sociedade, começam no seio familiar e na escola, e, constroem-se e consolidam-se durante a infância e a juventude...

No nosso país, com 6 faculdades de veterinária – um claro conluio entre o poder político e o poder económico – existe um excesso de oferta no mercado de trabalho. Há muitos veterinários na área da Buiatria, muitos emigrados, para além de haver também médicos veterinários a exercer noutras áreas de trabalho e também desempregados.

Com o excesso de oferta, as relações entre profissionais, dentro dos princípios da ética, fragilizam-se, naturalmente, pois sobrepõem-se a sobrevivência. Aqui, para além da formação de base, têm um papel muito importante os códigos deontológicos.

Mas, actuar dentro dos princípios da ética, significa também respeito pelos animais, respeito pelos clientes, respeito pelo meio ambiente e pela sociedade na qual desenvolvemos o nosso trabalho quotidiano, pilares básicos da medicina de produção atual.

É com grande admiração que observo essa postura e preocupação, na maioria dos profissionais com quem lido no meu dia a dia.

